

DON QUIXOTE

JORNAL ILLUSTRADO DE Angelo Agostini

R. DUVIDOR 109



Don Quixote e Sancho Pança depois de effectuada a paz do Rio Grande.
(Os nossos assignantes comprehendem que em tal chuva era impossivel o "D. Quixote" sair à rua mais cedo.) a Administração.

EXPEDIENTE

PREÇO DAS ASSIGNATURAS

CAPITAL		ESTADOS	
Anno.....	20\$000	Anno.....	24\$000
Semestre....	12\$000	Semestre...	14\$000

Os senhores assignantes dos Estados podem enviar-nos a importancia das assignaturas, em cartas registradas ou em vales postaes.

Pedimos a todas as pessoas do interior que nos dirigirem pedidos de assignaturas, o obsequio de nos indicarem com toda a precisão as localidades em que residem, afim de facilitar-nos a expedição.

Tambem pedimos ás pessoas que veem e leem o D. Quixote a... olho (e ha muitas!...) que se tiverem um dia o desejo de assignal-o, o façam quanto antes, pois, uma vez esgotadas as edições, será difficil obtel-o.

Aos nossos assignantes, cuja assignatura terminou no fim de Junho, recommendamos que, caso queiram reformal-a, o façam em tempo para lhes não ser interrompida a remessa deste semanario.

A ADMINISTRAÇÃO.

DON QUIXOTE

RIO DE JANEIRO, 24 de Agosto de 1895.

A PAZ

Está feita a paz do Rio Grande. Esta lucta que, durante tanto tempo, devastou esse infeliz Estado, despenhou no abysmo da morte tantos cidadãos necessarios ao seu paiz, e encheu de luto e consternação todos os corações que anima o sentimento do verdadeiro patriotismo, terminou enfim, enlaçando-se as duas bandeiras, ha pouco inimigas, sob as dobras protectoras do alvo manto da paz.

O Sr. Presidente da Republica, realisando essa aspiração de todos os Brasileiros, levantando d'este modo a nossa Patria perante o mundo, merece a gratidão de todos os que se inspiram no amor da sua terra natal.

Entretanto, no meio do entusiasmo, das manifestações, acautele-se o Sr. Dr. Prudente de Moraes, pois um grupo de ambiciosos pretende neutralisar em proveito proprio, as boas intenções de S. Ex.

Assim é que essa paz, que reunio, sem humilhação nem dezar, os dois partidos em um abraço de irmãos, encontrou quem dissesse, em plena sessão do Congresso, que tinha sido *uma paz humilhante!!*

Duvidariamos em acreditar que existissem Brasileiros tão adversos ao bem, á dignidade e ao progresso do seu paiz, si não soubessemos que, diante da ambição, cala-se o patriotismo, cede a dignidade propria, desapparecem enfim todos os sentimentos elevados do coração humano.

Lembre-se o Sr. Dr. Prudente de Moraes que, si a paz está feita no Estado do Rio Grande do Sul ainda não está aqui, na capital da Republica, onde reina a guerra, não a guerra franca e leal de adversarios que se latem com as armas, mas, o que ainda é peor, a guerra surda dos ambiciosos que pretendem empolgar o poder, pouco se importando que esse poder venha sentar-se sobre os destroços

da nossa cara Patria, victima d'este modo sacrificada no altar do interesse pessoal. Não receie o Sr. Presidente os obices que o Congresso, ou quem quer que seja, procure oppôr ás suas nobres intenções: forte pelo apoio do povo, pela dedicação da grande maioria da Nação, S. Ex. não deve ter duvida em reagir com toda a energia contra os designios anti-patrioticos d'esse pequeno grupo.

Nas sinceras, espontaneas manifestações do povo S. Ex. tema maior prova desse apoio.

A realisação da paz no Rio Grande foi um grande passo para a reorganização do nosso paiz, mas ainda não é tudo; resta alguma cousa a fazer, e estamos certos de que S. Ex. não recuará em tão glorioso caminho que, levando o Brazil á sua maior grandeza, levará tambem S. Ex. á historia e á gratidão nacional.

AOS MEUS ASSIGNANTES

O successo inesperado que tem tido este jornal, o numero de assignantes que cresce de dia para dia e a venda avulsa que, apesar do preço elevado, tem sido extraordinaria, é certamente um motivo de jubilo para mim, pois que vejo, com todo o reconhecimento, que o publico tem correspondido aos meus esforços em dar-lhes um jornal que, se não é perfeito quanto á execução de suas estampas e ainda mais na impressão d'estas, tem, pelo menos, o merito de ter conquistado reaes sympathias, pela sua independencia, imparcialidade e pelo modo porque trata dos acontecimentos, tendo sempre por norma a justiça na critica dos abusos e no louvor aos que o merecem.

Se consegui, por esse lado, captar a benevolencia do publico, não posso corresponder a esta, como desejaria, pelo lado material, sobre a impressão da folha e a entrega da mesma.

Apezar de a ter sempre apromptado nos sabbados, como se verifica pelas lisonjeiras noticias que sobre ella todos os jornaes tem dado nos domingos (menos *O Paiz...*!) nem sempre a folha pôde ser distribuida nesses dias.

A razão desta irregularidade, que sinto tanto quanto os meus assignantes, é que o jornal imprime-se n'uma lithographia, aliás a mais bem montada d'esta capital, mas cujas machinas só podem trabalhar á luz do dia!

Uma empresa que começa está sujeita a toda a especie de contrariedades; essa é uma, e estou convencido de que, á vista do exposto, os assignantes do *D. Quixote* relevarão a falta da sua visita em alguns domingos.

Tratarei pois de remediar a isso, assim como tenho de remediar ao seguinte:

Apezar de tirarmos uma edição como nenhum jornal illustrado tem tido até hoje, n'esta capital, vejo com satisfactorio pesar (se é possível as duas palavras juntas) que as collecções guardadas para futuras assignaturas estão quasi esgotadas, faltando de todo alguns numeros.

Tendo já tomado o compromisso com alguns assignantes, a quem prometti os numeros que faltam, e vendo que a maior parte dos que vem assignar deseja a collecção

desde o começo, vejo-me na necessidade de reimprimir nova edição de quasi todo o primeiro semestre. É uma despeza consideravel, que não recuo entretanto em fazer; hoje ainda se pode, mais tarde seria impossivel, e muitos ficariam privados, para sempre, nas suas collecções, do primeiro semestre do *D. Quixote*.

Aqui no Rio de Janeiro já o tenho tentado; é impossivel.

Essa edição será portanto desenhada e impressa na Europa.

E como «quem quer vai e quem não quer manda», vejo-me na necessidade de dar um pulo até lá, para fazer executar nova edição e trazer, ao mesmo tempo, algum material que permita, não só regularizar mais a nossa entrega, como evitar novas despezas de reedição.

Com verdadeiro pesar deixo o meu lapis na gaveta, onde ficará á minha espera até Novembro deste anno. Levo comtudo um consolo: é que esta paz, tão desejada e pela qual tanto temos trabalhado, é hoje uma realidade.

Espero pois, na minha volta, se os pescadores jacobino-politicos se tiverem afogado nas aguas turvas da ambição, encontrar a familia brasileira na mais perfeita harmonia. Para isso tornam-se necessarias duas cousas apenas: juizo e patriotismo.

Ao nosso honrado chefe do Estado o Dr. Prudente de Moraes, que recebe hoje os louvores de todos os bons brasileiros, pela paz do Rio Grande, saudamos, fazendo sinceros votos pela sua saude, tão necessaria á tranquillidade deste paiz.

Até breve, pois, queridos assignantes.

A. AGOSTINI.

NA IGREJA

Fomos ha dias procurados por alguém que queixou-se de que, em uma missa com organ, o padre, sem motivo algum, havia feito parar esse instrumento, o que dera causa a desgosto e recriminações, pedindo a nossa intervenção no sentido de noticiarmos o caso fazendo-nos *organ* (não da igreja) mas desta queixa.

Sinceramente, não nos podemos manifestar nesta questão, nem sermos *organ* dos queixosos.

O padre, desde que fossemos *organ*, nos poderia impor silencio, e com razão.

Desde que a religião foi oficialmente separada do estado, nós nada mais temos com o dominio espiritual.

A igreja não é mais do estado e sim dos padres, elles alli mandam com o poder que lhes confere a sua qualidade de ministros do culto catholico.

Os fieis que frequentam os templos, tem de submeter-se ao seu imperio como ovelhas ao seu pastor.

Lá teria de certo algum motivo o padre que mandou parar o organ. Quem sabe se o instrumento não estava de tal modo desafinado, que nem a sua qualidade de *organ* de musica sagrada o pudessem conciliar com os ouvidos do sacerdote, talvez zelador das regras de contraponto e harmonia?

Em todo o caso o padre estava em sua casa, e podia proceder como quizesse: fazer o organ tocar ou calar-se, abrir-lhe ou fechar-lhe os registros, que ninguem tem que ver com isso.

A igreja não é mais subvencionada pelo estado, os proventos das congruas não sahem mais do Thesouro Nacional e por consequencia do nosso bolso; são os fieis catholicos que sustentam o culto, por isso a nossa interferencia em taes negocios não tem razão de ser.

Se, por acaso, os ministros do altar, deixando os encargos da sua missão espiritual que constitue a esphera do seu dominio, vi-

essem intervir na ordem temporal, usurpando attribuições do estado, então teríamos toda a razão de intervir e protestar.

Mas no dominio espirital nós não entramos e alli podem elles fazer o que quiserem, que estão no uso pleno do seu incontestavel direito e aquelles que os reconhecem como directores d'alma, tem a obrigação de respeitar e cumprir as suas determinações.

Chacun à sa place.

CORPO DIPLOMATICO

O projecto de reforma do Corpo Diplomatico apresentado no Congresso, é uma monstruosidade que não tem a menor razão de ser e tende, como diz o Dr. A. Montenegro, a extinguir a nossa representação no estrangeiro.

Si ha paiz que precise ser dignamente representado é o nosso. As suas relações commerciaes, a sua importancia pelo menos geographica, obrigam-no a ter uma representação digna.

Mas os nossos deputados não entendem d'isso e pouco lhes importa que os representantes do Brazil façam triste figura no estrangeiro. Assim é que faz parte do projecto a diminuição dos vencimentos do nosso Corpo Diplomatico, já tão mesquinamente remunerado.

Sofframos as nossas necessidades dentro do paiz, esperemos mezes pelos ordenados, como acontece aos funcionarios municipaes, mas não levemos a falta de senso a cercar os meios aos representantes da nossa nacionalidade.

Em casa podemos estar á vontade, mas desde que vamos fazer ceremoniosa visita, nos vestimos com o que temos de melhor.

Porventura poderá um diplomata dispensar carros, creados, conforto, despezas emfim de representação, sem envergonhar o seu paiz?

Os viajantes que precisarem no estrangeiro o apoio dos nossos consules ou das nossas legações o que dirão ao verem a bandeira brasileira tremular na sacada de alguma casa velha e suja, pois que os ordenados e despezas de representação não dão para mais? Sentirão de certo subir-lhe ás faces o rubor da vergonha!

Ora, Srs. do congresso, um pouco de patriotismo e criterio não seria demais quando tratassem de questões da importancia d'esta.

O Brazil, repetimos, precisa mais que nunca, firmar seus creditos no estrangeiro, e não será envergonhando-o d'este modo, na pessoa dos seus representantes, que o conseguirão.

Noblesse oblige.

ALMIRANTE SALDANHA

Das *Varias do Jornal do Commercio* de quinta-feira passada extrahimos o seguinte telegramma que o collega transcreveu do jornal *La Razon* de Montevidéo:

«Rivera—42—Chegou a esta localidade a commissão brasileira trazendo o cadáver do almirante Saldanha da Gama que foi encontrado por um chefe federal nas immedições do lugar em que se deu o combate.

O cadáver está horrorosamente mutilado.»

Ainda bem que foi encontrado o corpo do inditoso almirante!

O telegramma descreve circumstanciadamente as mutilações que soffreu o corpo d'este official.

Assim, se não é verdadeira a versão que correu de terem queimado os seus restos, ao menos fica d'este modo provada a mutilação horrorosa do corpo.

Que não respeitassem a vida do almirante vendo-o só e desarmado, como o ordena a cor-

tezia militar, ainda se comprehende, desde que se pense no odio terrivel que inflamma os castilhistas do Sul, mas mutilarem sacrilegamente um cadáver, para ir depois escondel-o em uns mattos onde foi encontrado, como diz mais adiante o referido telegramma, é inaudito de selvageria.

Quando este povo tiver comprehendido como deve os principios de dignidade e civismo do finado almirante Gama, saberá qualificar de modo apropriado tal procedimento, e o futuro se encarregará de vingar a sua memoria tratando como merecem os profanadores de seus restos mortaes.

ASSALTOS Á PROPRIEDADE

Apezar do novo systema de policiamento nas ruas da cidade, nem por isso melhorou, antes peiorou, o estado lastimavel em que ella se acha no tocante a falta de garantia para a propriedade.

Rouba-se, saquea-se, assalta-se á mão armada, não só no negror da noite, mas em pleno dia! É incrível!

Todos os dias os jornaes regorgitam de noticias de factos d'esta ordem e nada se tem feito para reprimil-os!

Mas, como não será assim se os mais audazes gatunos, apenas presos, logo apparecem, apoz dias, passeando livremente? Si a lei exige, para punição do roubo, o flagrante?

Confessemos que este caso é raro: nenhum criminoso d'esta natureza se deixa prender no momento do crime.

Si o facto de ser um individuo conhecido como gatuno, não é sufficiente para a sua punição, recluso ou, o que é melhor, deportado, então não sei para que temos policia, sem que a lei lhe dê o direito de prendel-o.

Nos suburbios então ainda a cousa é peor. Com a suppressão dos postos policiaes do Meyer para cima, os amigos do alheio criaram tal coragem, que os moradores daquellas localidades vivem em continuo sobresalto e não tem outro recurso sinão transitarem sempre armados.

Nestes logares os malfiteiros não se limitam a roubar objectos de facil transporte: a audacia chega a ponto de, em pleno dia, desmobiarem casas, conduzindo pezados moveis, e apoderarem-se de saccos de assucar e outros generos, como o fizeram ha dias em uma confeitaria em Cascadura!

Isso é triste! Parece que esses malfiteiros têm a intenção de zombar, não só da população, mas até da policia!

Nós, por nossa parte, aconselhamos aos moradores das referidas localidades e aos cidadãos em geral que se armem e repillam qualquer aggressão, pois que a lei é toda favoravel aos gatunos e não aos cidadãos honestos.

MANIFESTAÇÕES

Pela realisação da paz no Rio Grande se tem feito grandes manifestações.

O seguinte telegramma de Porto-Alegre dirá como o povo recebe jubiloso a grata noticia:

«PORTO-ALEGRE, 22, ás 9 horas e 30 minutos da noite (demorado por trovoadas).

Amanhã terão fogar grandes festas em Pelotas. Algumas embarcações estacionadas alli embandeiraram em arco logo após a chegada do general Tavares. As festas promettem toda a imponencia. Sabe-se do seguinte programma: Duas filas de moças da melhor sociedade de Bagé formarão defronte uma da outra; a um signal dado duas moças representando, uma o governo, caminharão á frente trazendo bandelras da União e a do 35º; acto continuo apparecerá uma outra conduzindo a bandeira revolucionaria; entrelaçam-se as tres; surge uma quarta joven, portadora da bandeira de setim branco tendo um ramo de oliveira bor-

gado a ouro e a palavra PAZ.—Essa bandeira cobre as outras, seguindo-se depois a deposição das armas.»

Está feita emfim esta paz tão necessaria para o credito e união da familia Brasileira, para a honra da nossa Nacionalidade! Feita sem humilhação para nenhum dos partidos, em um congiaçamento fraternal!

Logo que se espalhou a grata noticia da tão desejada paz do Rio-Grande, o povo, cheio de entusiasmo, encheu a rua do Ouvidor e em frente á «Cidade do Rio» soltou entusiasticos vivas e aclamações. D'esta redacção fallaram brilhantemente ao povo José do Patrocinio, Barros Cassal, Martim Francisco, M. Lavrador, Maia, Moacyr e outros.

Depois o povo e muitos jornalistas dirigiram-se ao Itamaraty, onde o entusiasmo se manifestou immenso em vivas ao Chefe do Estado, ao Rio-Grande, á Republica, etc.

Franqueadas as portas do palacio, os cidadãos subiram ao salão, onde se achava o Dr. Prudente de Moraes, que foi coberto de flores e palmas. Fallaram ainda em nome do povo J. do Patrocinio e B. Cassal.

O Sr. Presidente respondeu commovido, em um inspirado e patriotico discurso.

Na occasião de abraçar o nosso chefe A. Agostini, que alli o tinha ido saudar, S. Ex. disse-lhe: «Creio que sempre conseguirei desembaraçar-me da teia de aranha» referindo-se ao desenho da ultima pagina do nosso numero passado.

«E transformou-a em ramos de louros», respondeu o nosso chefe.

Este dito do Sr. Presidente, em occasião tão solemne, é uma prova de que sempre acertamos em dar a conhecer ao publico quanto o Sr. Dr. Prudente de Moraes teve de lutar para vencer todos os obstaculos que o embarçavam no seu firme proposito de dar a paz ao Rio-Grande e a tranquillidade a toda a nação Brasileira.

O trato ameno que nessa noite dispensou ao nosso chefe, demonstra que S. Ex. é homem de espirito e sabe conhecer os verdadeiros jornalistas, qualquer que seja a forma das suas criticas, quando estas tem por base o verdadeiro sentimento patriotico.

A cidade ante-hontem e hontem esteve illuminada e o povo, verdadeiramente jubiloso, encheu as ruas e praças n'uma expontanea manifestação de prazer.

Varias sociedades celebraram com festas o fausto acontecimento, bem como muitas familias em suas residencias.

O Dr. Prudente de Moraes tem sido saudado por varias commissões de toda a imprensa, de estabelecimentos de instrucção, de todas as classes sociaes, emfim.

Entretanto, estranham alguns que não tenha sido dado feriado, ao menos durante tres dias, nas repartições e escolas.

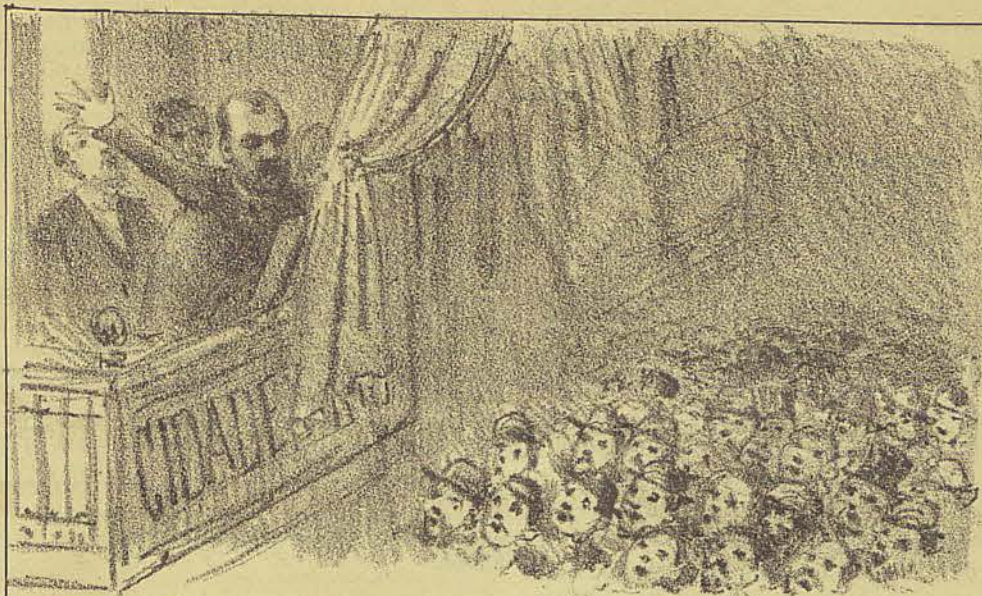
O governo não póde fazer isso, pois a festa é feita a elle. Os chefes dessas repartições é que o devem pedir. O Sr. Dr. Prefeito bem podia fazel-o, para que os funcionarios municipaes pudessem tomar parte no prazer publico.

Continuam ainda as manifestações de regosijo.



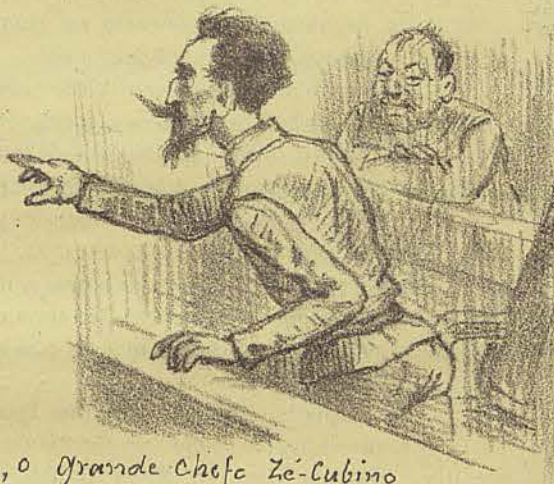
— Os meus ramos de oliveira
sempre serviram...

Destraindo, afinal, as teias que o embaraçavam, o Presidente da Republica achou-se, logo, cercado de louros e flores. Nem todas as aranhas fugiram... A mais perigosa ficou.



O José do Patrocínio teve, a pedido do povo, de pronunciar 354 discursos em dois dias e soltar 23455 vivas ao Dr Prudente de Moraes, à Paz, à Republica ao General Galvão, a Joca Tavares, ao Rio Grande do Sul.

Os Ze-Cubinos damnados com a paz, resolveram fazer chimfrinada e atacar a nossa collega "Cidade do Rio". Resultado: Pancadaria de criar bicho e devota completa dos Ze-Cubinos



Na Camara, o Grande Chefe Ze-Cubino Chico-Guassú censurou o modo por que se fez a paz e disse:

"Poderá o estrangeiro tomar á serio a Republica, se a revisáo da Constituiçáo de um Estado é pedida na ponta da espada de um general!"

D. Quixote, que tambem tem assento no parlamento quando lhe convem, responde: Antes na ponta da espada de um patriota e honesto militar, do que na ponta da lingua de um parlamentar que, um dia diz uma coisa e n'outro dia outra.

Sancho Pança vendo que seu Chico tornou-se apolo-gista da paz, resolveu presentearlo com uma casaca, que espera nunca virarai



Quando ao toll Senhor que insultou cobardemen = te e chamou general de co = media o honrado general Galvão (au = sente) D. Quixote responde por este, mandando offerecer-lhe uma esca = radeira.

Assim, quando tiver de expectorar insolencias na Camara, não suja = rá o tapete... da discussáo.

E assim limparemos qual = quer nodoa que queiram lan = çar sobre honrados militares e possa manchar a alva bandeira da paz.

Vendo-se assim meio civili = sado, o Sr. Chico-guassú po = derá á vontade deitar elegan = cia. Sim Senhor

A NOTICIA

A cerca do nosso numero passado o estimavel collega d'A *Noticia* disse umas cousas que não podem passar sem reparo.

Achou o collega que era *trop fort* o desenho critico que fizemos sobre a demora da solução da paz do Rio Grande e quasi deu a entender aos seus leitores que não tratamos convenientemente o nosso chefe de Estado.

Em primeiro lugar diremos ao collega que nenhum jornal é mais amigo do chefe do Estado do que o nosso.

Ninguém tem maior desejo de sustentar na pessoa do actual presidente da Republica o governo civil, que é o que mais ambicionamos para bem deste paiz, que tanto delle precisa.

Nesse desenho a que alludio o collega, a critica é feita aos ambiciosos que entendem que o chefe do Estado deve mover-se segundo os seus interesses.

São elles os que pretendem fazer do presidente um boneco e não nós.

Torne, pois, o collega a ver o desenho em questão e lhe recommendamos, sobretudo, que leia attentamente o que se acha escripto por baixo delle.

Compreenderá então o sentido do que chamamos *ficelles* da politica,

Apezar do nosso mais profundo respeito pelo actual Chefe do Estado, apezar de toda a consideração que elle nos merece, o *Don Quixote*, em todas as suas criticas, apenas referio-se ao facto de ser elle prudente de mais; e isso elle o é.

Creemos que de modo algum isto pôde magoar, nem S. Ex. o presidente, nem os seus partidarios, d'entre os quaes somos dos mais fervorosos e sinceros.

Recommendamos de novo ao collega que, para outra vez, trate de compenetrar-se bem do sentido dos nossos desenhos e que não deixe de ler o texto d'elles.

X.

MARECHAL DEODORO

Completaram-se no dia 22 do corrente tres annos que falleceu o Marechal Manoel Deodoro da Fonseca, o primeiro Presidente da nossa Republica.

Filho do seu esforço e valor pessoal, o Marechal Deodoro deixou o seu nome immortredouro, não só para o exercito, onde a sua brilhante carreira foi uma serie de relevantes serviços á Patria, e de subidos exemplos de patriotismo e coragem, como para o povo inteiro, em cuja memoria ainda vivem os não menos elevados exemplos de honradez, firmeza de character e criterio administrativo que deu, não só como Chefe do Governo Provisorio, mas como Presidente da Republica.

O Marechal Deodoro legou á historia da nossa Patria um grande exemplo a seguir, uma grande abnegação a imitar.

E' justo que recordemos hoje a data do anniversario do seu passamento.

Letras e Arte

ALMA PRIMITIVA

CONTOS POR MAGALHÃES DE AZEREDO

Um dos nomes mais sympathicos da nossa litteratura é o do auctor do presente livro, embora, como muitos outros, ainda não tenha recebido a justa consagração dos seus meritos de prosador, que, á clareza e apropriado da expressão, reúne um estylo que se aprimora de dia para dia.

Lemos com prazer todo o seu livro, onde folgamos em não encontrar as taes ribombantes phrases, os insupportaveis periodos eivados de methaphoras absurdas, a adjectivação pulha

em que parece resumir-se o preparo intellectual de certos *reformadores* agora muito em moda.

No livro de M. de Azeredo não ha nada d'isso. As descripções são naturaes e verdadeiras, a adjectivação apropriada, os periodos bem cinzelados, e enfim possui aquella naturalidade de estylo que convem ao narrador. Si pode valer a impressão de uma leitura attenta, porém rapida, diremos que o conto do qual conservamos lembrança apoz a leitura foi o que se intitula — *A agonia do negro*, conto extraordinario de energia e verdade. E' possivel que a muitos não agrade o estylo de M. de Azeredo, que o achem até VELHO, a elle, cujos escriptos exuberam da seiva da juventude, mas livre-se o auctor d'essa corrente perigosa e dê-nos sempre livros como a *Alma primitiva*.

O futuro ha de por certo fazer justiça aos que pensam e trabalham movidos, não pela vaidade das aparições espalhafatosas, mas por um amor verdadeiro á arte. M. de Azeredo é um sincero. Aceite os nossos parabens.

O nosso compatriota Francisco Valle, que ha pouco concluiu os seus estudos musicaes em Paris, organisou um concerto no domingo passado, no salão do Club Symphonico.

Como pianista Francisco Valle revelou boa comprehensão de phrases e mechanismo.

Agradou-nos muito na Sonata de Beethoven, apezar de ter de se haver com um piano que... não era positivamente o ideal em piano de concerto, pois de *concerto* precisava.

Como compositor, não podemos julgalo definitivamente, pois apenas exhibio uma unica das suas composições e essa mesma não é das mais recentes.

O desempenho do programma foi bom.

O conhecido barytono Sr. Carlos de Carvalho e a Exma. Sra. D. Olivia Cunha satisfizeram plenamente na parte cantante.

O maestro Nascimento teve, como sempre, uma tempestade de applausos, apoz a brilhante execução do seu solo.

O Sr. Jeronymo Silva tambem agradou bastante, sendo justamente applaudido.

Realmente magnifico esteve o baile offerecido pelo Gremio da Tijuca ao seu director de salão o Dr. Odillon Benevolo, que deve achar-se satisfeito com as provas de merecida estima que recebeu.

Os salões achavam-se completamente cheios, dançando-se animadamente até ás 3 1/2 da manhã.

A' directoria, que foi de uma delicadeza extrema, como costuma, os nossos cumprimentos.

L. N.

A CENTRAL

No nosso numero passado registramos com prazer o facto de não se ter dado um só desastre durante a semana, e chegamos por isso a nutrir a esperança de melhores dias para essa infeliz Estrada.

Illusoria esperança foi essa! Mais um desastre foi juntar-se á terrivel lista de tantos accidentes que tem desorganizado o serviço d'esta via-ferrea e creado para ella uma bem triste celebridade.

O desastre que se deu, na segunda-feira passada, entre Maxambomba e Queimados, no

kilometro 40, parece ter tido origem criminosa. O trem S 2, ao chegar ao dito kilometro, em vez de seguir a linha que devia, entrou na chave de um desvio que foi encontrada aberta.

Neste desvio achavam-se muitos carros de bagagens e mercadorias que ficaram completamente inutilizados, bem como alguns wagons do S. 2. Os passageiros nada soffreram; apenas um fogueista ficou esmagado.

Costamos aacreditar que a perversidade de alguns individuos chegue a ponto de sacrificar vidas e material d'este modo.

Preferimos continuar a julgar casuaes os innumerados desastres que tanto desacreditam essa estrada eo nosso paiz. Mas o que é incontestavel é que esta ordem de cousas não pôde continuar. Si a Estrada de Ferro, que funciou com regularidade e segurança, agora acha-se em desorganisação, isto tem uma causa, que é preciso extinguir de prompto para garantia da população. Não será demais chamarmos ainda uma vez a attenção do Governo para este vergonhoso estado da nossa primeira via-ferrea.

Y.

CHINOISERIES

E' BOA!!

Neste tempo de prodigios vemos cousas de espantar; este bom povinho prova-nos que o que mais sabe é esperar

Nossas questões duram seculos e ninguém descoroça!

Todos com o tempo conformam-se: E' boa!

Inglaterra e França amolam-nos com a Trindade e o Amapá, taes questões pedem um termino, mas quando, quando será?

Esperem o Zé Povo e cale-se que está a gritar á toa!

Isto é... segredo politico... E' boa!

Da Intendencia as tristes victimas, ainda vivem a esperar, ha mezes os cobres guardam-lhes e as forçam a trabalhar!

E quando as contas exigem-lhes, e toda a esperanza se escoo,

Esperem! diz a Intendencia, E' boa!

Com desastres aniquila-se a nossa Estrada Central, alli as vidas extinguem-se, se perde o material.

E quando o clamor do publico em queixa tremenda ecoa, nada se faz... tudo adia-se.

E' boa!

Pobre paiz! Em que vortice te deixam assim cair! O presente mostra o tetrico destino teu no porvir.

E o governo, mudo, impavido, sem que dos males se doa, espera sereno e placido...

E' boa!

Lu-No.

Marianno Pina

Acha-se entre nós este distincto litterato e jornalista portuguez cujo nome é ha muito conhecido e apreciado não só em Portugal como nos circulos litterarios de Pariz e do Brazil.

Marianno Pina milita com vantagem ha alguns annos no jornalismo portuguez e ultimamente fundou o excellento jornal a *Ilustração*.

E' um dos mais bellos talentos da actual geração litteraria.

Ao illustre hospede, que assim nos honra com a sua visita, os nossos cumprimentos.

A CIGARRA

O numero 16 deste semanario vem realmente cheio da fina verve do lapis do Julião e da penna do Olavo. A 1ª pagina dá-nos o retrato da distincta poetisa brasileira D. Francisca Julia da Silva, a autora dos *Marmores*, a 2ª uma espirituosa allegoria « No choco », a 3ª um bom a proposito *as dores da Intendencia* e na 4ª o episodio da visita policial á *Cigarra* tratado em magnificos desenhos. O texto, ornado de bem acabadas vinhetas, é bom como sempre, e sua ultima pagina traz uma mimosa ballada medieval do Filinto de Almeida, finalmente illustrada pelo Julião.

Este sympathico jornal, o unico deste genero que possuímos, vai conquistando a admiração do publico, e de dia para dia tornando-se mais apreciado.

THEATROS

Quasi não houve assumpto esta semana para a nossa secção de theatros: Operettas, revistas, bellodromos, circos equestres e eis tudo ou antes... nada!

Vamos, em cumprimento do dever de chronista theatral, dizer alguma cousa sobre o movimento artistico (*artistico?!*) da semana.

APOLLO

Neste theatro representou-se a *Mascotte*, e a companhia Portuense annuncia que em breve teremos uma operetta nova: o *Kin-Fa na China*.

VARIEDADES

Tivemos a premiere da *Paqueta*, do Dr. Augusto de Castro. Embora imitada do francez, a operetta, nos dialogos espiritu sos e vivos, no esmero da phrase, nas situações mais ou menos felizes, conserva o cunho da individualidade litteraria do seu autor, ha muito conhecido como bom comediographo. O desempenho foi regular, sendo os artistas applaudidos, principalmente Loppiccolo e Peixoto.

EDEN

Foi á scena, tambem pela primeira vez, a operetta *Zizinha Maxixe* musica de Francisca Gonzaga e libretto imitado do francez não sabemos por quem, pois o auctor esconde-se nas reticencias da modestia ou na modestia das reticencias.

Do libretto, alguma cousa poderia salvar-se refundindo-o completamente; como foi, porém, si não desagradou de todo, tambem não conseguiu fazer-se applaudir. São bons os numeros

de musica que a conhecida maestrina escreveu para elle, mas não fizeram maior effeito por falta de ensaios.

LUCINDA

A companhia do theatro da Trindade, continúa a exhibir a revista de Souza Bastos *Sal e Pimenta*, com boa concurrencia, e annuncia a 1ª representação da operetta *Tres dias na berlinda*, em beneficio da actriz Josepha de Oliveira.

SANT'ANNA

Escreviamos esta secção quando recebemos uma cadeira para a premiere da operetta de Ordonneau, musica de R. Planquette e traducção de A. Azevedo *A princeza Colombina*.

Com esta operetta inaugura os seus espectaculos neste theatro a companhia dirigida pelos actores Mattos e Brandão. Vamos ouvi-la e no proximo numero fallaremos sobre ella.

RECREIO

Vamos emfim ter uma novidade esta semana.

O Silva Pereira (não acham que é novidade?!) pretende dar alguns espectaculos trabalhando com a companhia deste theatro.

O distincto actor, que parece que conta os annos de idade ao contrario dos outros, em ordem decrescente, vai dar-nos o prazer de ou vil-o na bella comedia de Gervasio Lobato— *O Commissario de Policia* que, de todos os trabalhos para o theatro que o pranteado litterato escreveu, nos parece o melhor.

COLYSEU LAVRADIO

Inaugurou-se este circo que occupa o predio onde funcionou o Frontão Lavradio.

O circo, bem ornamentado e illuminado a luz electrica offerecia um agradável aspecto. A companhia pode agradar ao publico se substituir os clowns, que deixaram alguma cousa a desejar.

Tem dous deslocadores que trabalham com pericia.

S. PEDRO

O Frank Brown continúa a attrahir o publico com a sua boa companhia equestre e gymnastica.

A NOSSA ESTANTE

Fomos obsequiados com :

Indagações economicas e financeiras sobre o resgate de papel-moeda, serie de artigos publicados no *Diario Popular* de Janeiro a Junho de 1895 por Gustavo Pacca. Mais tarde diremos alguma cousa sobre este util trabalho.

Organização republicana do Estado do Rio de Janeiro de 1889 e 1894. Ignoramos o auctor do livro, mas vamos lê-lo com attenção.

Revista da commissão technica militar consultiva redigida pelos Srs. : general Dr. Francisco Carlos da Luz, tenente-coronel Salles Torres Homem e capitão Vieira Leal, ns. 1 e 2 de Junho e Julho do corrente anno.

Cartas litterarias, de Adolpho Caminha. Vamos ler esse livro com o cuidado e attenção devidas á bella reputação do seu autor, e depois nos manifestaremos como de costume : francamente.

Alma primitiva, por Magalhães de Azeredo, sobre este livro fallamos em outra secção do presente numero.

Relatorios, apresentados ao instituto sanitario federal, pelo Dr. Carlos Pinto Seidl, digno director do Hospital de S. Sebastião durante os annos de 1893 e 1894.

Relatorio, da Veneravel Irmandade de N. Sra. da Penha de França, apresentado pelo irmão juiz Sr. José Joaquim Brandão dos Santos, por occasião da posse da mesa administrativa.

Jornacs :

Revista academica, orgão do gremio da Faculdade livre de Direito, contendo excellentes artigos sobre questões juridicas e uma esplendida chronica em verso de Solar.

A Jandaya, revista dos estudantes do Ceará, n. 1 Um bom numero que muito promette para o futuro d'este jornal.

A petala, folha do Grupo das Flores do Congresso Amantes da Folia. Uma bella petala de flor á qual desejamos risinho porvir.

The Rio News, n. 34. Mais um bom numero do acreditado jornal.

Sirius, revista litteraria e scientifica n. 3. Um bom jornal quer quanto aos artigos em prosa, quer á collaboração poetica.

Prospera vida !

Convites :

Do maestro Francisco Valle, uma cadeira para o seu concerto.

Do Jockey-Club, para a corrida— Grande premio Guanabara em 18 do corrente.

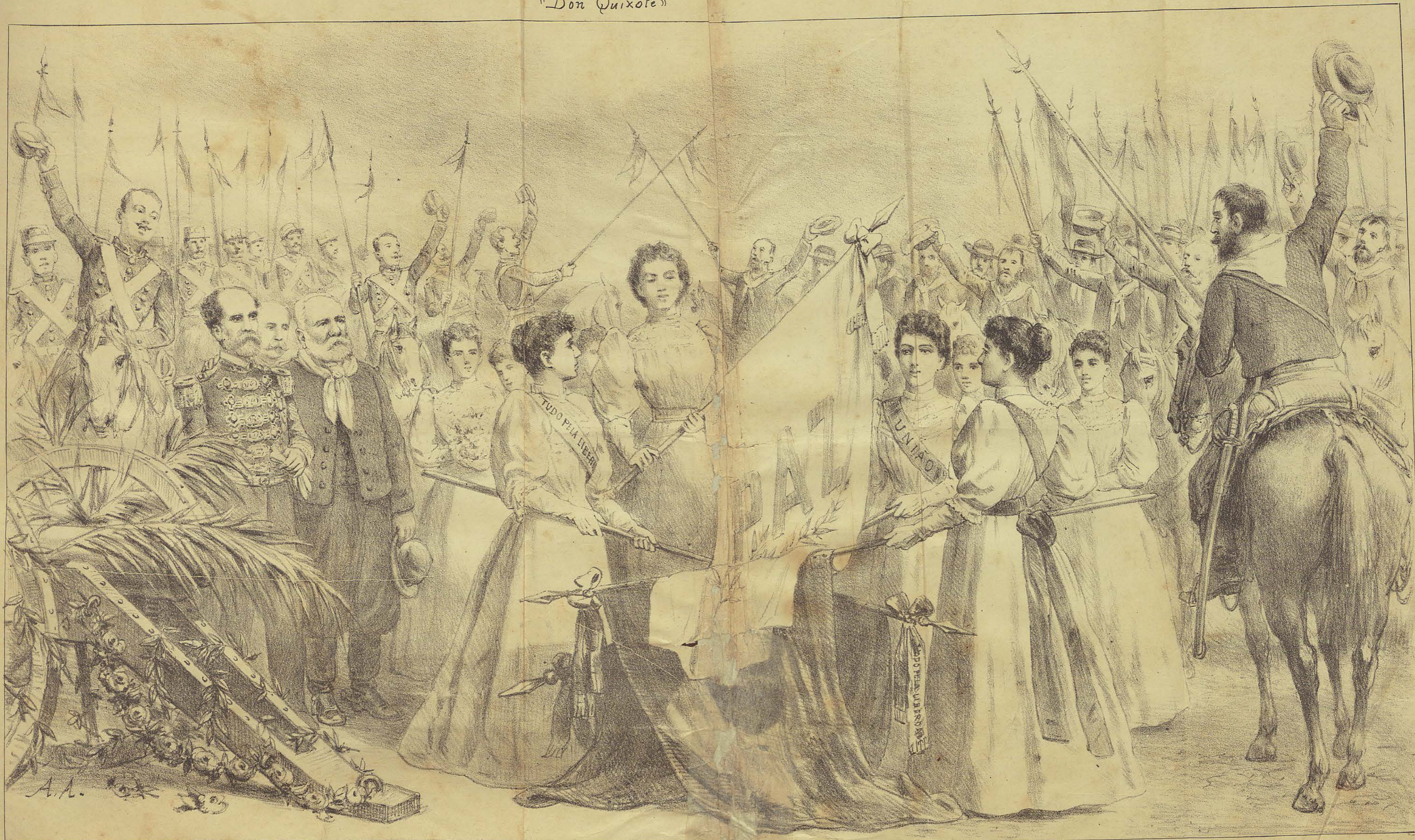
Do Turf-Club, recebemos o relatório apresentado á assembléa geral de accionistas em 16 do corrente, pelo presidente Sr. tenente-coronel M. J. de Paiva Junior.

Do Colyseu Lavradio um cartão permanente para as suas funções.

Da Companhia Mattos e Brandão uma cadeira para a premiere da opereta *Princeza Colombina*.



O marechal Deodoro da Fonseca
3º aniversário de seu falecimento em 23 de Agosto, 1892



Festa da paz do Rio Grande do Sul, em Pelotas, no dia 23 de Agosto de 1892. Segundo telegramma recebido de Porto Alegre. Tres jovens, empunhando as bandeiras da Uniao, do Estado e da Revolucao, entacam a paz. Em seguida, são depositas as armas, entre entusiasticas aclamacoes.